TL 1484-2

ANEXOS

TESTEMUNHOS PREPARADOS PARA A COMISSÃO DE DIREITOS HUMANOS DA ONU
1994

Testemunho ocular do massacre de 12-11-1991 no Cemitério de Santa Cruz.

IDENTIFICAÇÃO
Nome: Aviano António da Silva Faria
Idade: 23 anos
Profissão: Estudante
Naturalidade: Timor Leste
Endereço: Rua Elias Garcia, 295, 2º Dto. - 2700 Amadora

No dia 12-11-91, nós, o grupo de estudantes da Escola Secundária de São José Balidi (Smak St. Yosep Balidi) em Dili, vestidos com a farda da escola (camisa branca e calças cinzentas), dirigimo-nos para a Igreja de Motael por volta das 6 h da manhã de uma terça-feira com o objectivo de assistir à missa do 7º dia em homenagem ao Sebastião Gomes Morão, morto pelas tropas indonésias (ABRI) no ataque à Igreja de Motael no dia 28-10-91.

Aproveitámos a concentração de milhares de jovens, depois da missa ordenada pelo Sr. Padre Ricardo, para fazer uma manifestação de protesto contra o ataque dos militares indonésios à Igreja de Motael, a morte do nosso companheiro Sebastião Gomes e também contra a Invasão no dia 7-12-1975, e para fazer ver ao mundo que continuamos a resistir perante a Ocupação.

Essa grande manifestação, a partir da Igreja de Motael até ao Cemitério de Santa Cruz, decorreu normalmente e com muita disciplina. Foram feitas muitas provocações durante a caminhada. Muitos dos nossos colegas foram agredidos durante a caminhada , com o objectivo de dispersar a manifestação, mas nós mantivemo-nos decididos em continuar a manifestação até ao Cemitério de Santa Cruz. Passado algum tempo, depois da chegada dos manifestantes ao cemitério, apareceram centenas de militares, polícias e brigadas móveis, todas bem armadas (com armas modernas), em posição já bem preparada, cercando o Cemitério de Santa Cruz.

De repente, sem nenhum tiro de aviso para dispersar a manifestação, os militares, polícias e brigadas móveis abriram fogo indiscriminadamente em direcção aos manifestantes.

Durante o tiroteio, eu, Aviano, abriguei-me debaixo de uma árvore, em frente ao cemitério.

Portanto, consideramos que a Indonésia é uma nação que não respeita os Direitos Humanos e o Direito Fundamental do povo de Timor Leste. Por isso, qualquer aspiração do povo de Timor Leste à auto-determinação é considerada como um "movimento do partido comunista" mas, na realidade, não existe Comunismo em Timor Leste, é considerada como uma acção provocatória, assim como também nos consideram malucos e acusam-nos de utilizar armas brancas e armas de fogo para fazer frente aos militares indonésios. Isto é uma pura mentira, para tentar modificar a opinião internacional, para que o mundo continue a simpatizar com a República da Indonésia.

Com o massacre do dia 12-11-91, comprovou-se que a Indonésia é um país violador dos Direitos do Homem em Timor Leste, mas tais acontecimentos aumentam cada vez mais a determinação do povo de Timor Leste em prosseguir a luta até alcançar a auto-determinação e independência.

Depois do massacre, eu não consegui pôr-me em fuga, visto que, na altura, toda a área do cemitério se encontrava completamente cercada por militares indonésios. Ainda vi muitos corpos tombados e, posteriormente, arrastados e juntados na entrada principal do cemitério, como se fossem um monte de lenha.

Continuei deitado debaixo da árvore, simulando um cadáver, até à altura em que surgiram militares, forçando-me a levantar; mas não tive coragem de o fazer, pelo facto de que os outros companheiros que se encontravam em situação idêntica à minha foram violentamente abatidos: à facada ou à baioneta. Voltaram a insistir, ao mesmo tempo que nos dirigiam insultos de toda a ordem, mas continuei simulando a minha situação anterior. Então, desataram aos pontapés, calcando-me com as botas, até começar a deitar sangue pelo nariz, boca, ouvidos, e fizeram-me um grande golpe na cabeça, cuja cicatriz ainda mantenho.

Depois de todo este procedimento brutal, ao julgarem-me morto, arrastaram-me para junto dos outros corpos acima citados. Após tudo isto, chegaram os camiões (Hinu Mercedes) com o objectivo de transportar estes corpos, em que eu estava incluído. Os corpos foram empilhados no meio da estrada, e aqueles que ainda continuavam com vida eram postos em frente aos camiões, para ser esmagados por eles.

Fui transportado entre outros mortos num camião para o Hospital Militar (Wira Husada). Uma vez chegados ao Hospital, iniciou-se o segundo massacre: os que se encontravam gravemente feridos, eram esfaqueados ou mortos à paulada e, por fim, esses corpos foram arrastados para o interior da morgue, tendo as portas sido imediatamente fechadas a cadeado.

Apesar de toda esta chacina, no meio do amontoado de corpos ainda existiam pessoas vivas, entre eles, eu próprio. Foi na altura em que me levantei para urinar e para me certificar se haveria mais sobreviventes, ou se entre esses cadáveres havia algum meu conhecido, que constatei que entre estes se encontrava o jornalista Kamal.

Após alguns minutos, surgiram duas pessoas , que provavelmente eram militares trajados à civil. Um trazia na mão um pedregulho e o outro dois frascos: um com água oxigenada e o outro com medicamento. O que trazia o pedregulho, sempre que descobria um sobrevivente, descarregava o pedregulho na cabeça, aniquilando-o assim. O seu companheiro fazia a mesma operação, só que este obrigava-os a tomar o tal medicamento, para ios intoxicar... Nessa altura, encontrava-me deitado ao lado de um companheiro, que ainda respirava. O que trazia a pedra, aproximou-se dele, bateu-lhe com ela na cabeça e matou-o.

Perante esta barbaridade, levantei-me imediatamente, encarando-o. Para salvar a minha vida, comecei a mentir, dizendo que a minha presença no Cemitério de Santa Cruz não tinha como objectivo a participação na manifestação mas sim o intuito de informar os elementos da Segurança, que ali me tinham enviado porque era um dos informadores da KODIM (Komand Distrit Militar). Em seguida, exigiram-me o respectivo cartão de informador, e eu respondi-lhes que este tinha desaparecido juntamente com a minha carteira no cemitério.

Antes de me retirarem da morgue, obrigaram-me a tomar vários comprimidos, mas eu só engoli dois, tendo conseguido cuspir os outros. Após isto, trouxeram-me para fora da morgue e fui entregue a dois elementos da P.M. (Polícia Militar). Nessa altura, aproveitei para introduzir os dedos na boca, tendo assim conseguido deitar fora os comprimidos, pelos vómitos provocados.

TIMOR-LESTE

COMISSÃO DOS DIREITOS HUMANOS - GENÈVE 1994

Ilustre presidente da Comissão dos Direitos Humanos,
Minhas senhoras e meus senhores,

Em nome do povo de Timor-Leste e em meu nome pessoal dirijo-lhes as minhas saudações.

Sou **João António Dias**, tenho 26 anos de idade e exercia funções de analista de laboratório no hospital militar em Dili até Dezembro passado. Deixei a minha pátria há dois meses para fugir à repressão que aí exercem as forças militares e militarizadas da Indonésia.

Sinto satisfação por me encontrar nesta Assembleia a fim de prestar o meu testemunho sobre o massacre de 12 de Novembro de 1991, quando os militares indonésios abriram fogo contra manifestantes pacíficos, provocando muitos mortos e feridos. A maior parte destas vitimas foram transportadas em 18 camiões (10 Mercedes e 8 Hinos) para o hospital militar onde eu trabalhava. Outros feridos foram levados para o hospital civil de Dili mas foram depois recolhidos pelos soldados que os levaram também para o hospital militar.

Quando a casa mortuária do hospital militar já estava cheia de corpos, alguns ainda com vida, as novas vítimas que eram trazidas foram lançadas na varanda e mesmo no chão em frente da casa mortuária. Os camiões que continuavam a chegar com corpos passavam por cima dos que ali já se encontravam no chão. Alguns feridos gesticulavam, agitavam braços ou pernas para manifestar que estavam vivos, mas os camiões continuavam.

Como funcionário do hospital militar, presenciei estes factos sem nada poder fazer, a mais pequena reacção da minha parte exporia-me à mesma sorte.

Os militares procuravam forma de se livrar rapidamente dos cadáveres e dos sobreviventes. Primeiro pediram injecções de ácido sulfúrico no laboratório de análises mas o receio dos gritos provocados pela dor levou-os rapidamente a abandonar esta solução. Foram então buscar no armazém do Centro de Saúde dos serviços militares (DENKES), frascos de comprimidos e começaram a distribuir dois comprimidos e um copo de água a cada ferido. Depois de tomar estes comprimidos os feridos começaram a perder força e a sua respiração enfraqueceu. Posso citar os nomes de quatro das pessoas que distribuíam os comprimidos: dois militares, Pamabas e Nyoman e dois TBOs, Chico e Araújo.

Passado algum tempo os militares voltavam junto deles para verificar se estavam mortos. Os que ainda estavam vivos foram mortos com enormes pedras atiradas para a sua cabeça.

TIMOR-LESTE

COMISSÃO DOS DIREITOS HUMANOS - GENÈVE 1994

Senhor presidente, minhas senhoras e meus senhores

Sou **Alípio Chu Lip Lum**. Saí de Timor Leste no ano passado para escapar às perseguições das forças armadas indonésias que ocupam o meu país.

Quando acabei os meus estudos secundários, em Maio de 1992, arranjei trabalho como motorista de um mini-autocarro de passageiros. **No dia 5 de Outubro** fiz uma viagem de Dili a Baucau. Nesta cidade, pus o carro no parque de estacionamento e dirigi-me para um local onde os indonésios organizavam uma festa para celebrar o 'dia das forças-armadas'. No meio da festa os guerrilheiros da resistência timorense atacaram os militares e, ao ripostarem, os indonésios atingiram um jovem de Baucau, Alcino Vital Freitas, com um tiro num pé.

Preso pelos militares, Alcino foi espancado e levado para casa dele onde os militares fizeram uma busca e roubaram tudo o que encontravam, mesmo as roupas; e por fim levaram-no para o hospital.

Quando Alcino já estava a ser tratado, os militares regressaram ao hospital, espancaram-no de novo e voltaram a entrega-lo ao médico. O médico, também indonésio, manifestou o seu descontentamento sobre o comportamento dos seus compatriotas e disse que, se eles o queriam matar, não era preciso trata-lo, que o matassem de uma só vez. **No dia 8 de Outubro**, o Alcino foi levado pelos militares para fora do hospital, fizeram uma cruz e crucificaram-no como Jesus-Cristo, e foi assim que o Alcino morreu.

Em 6 de Outubro alguns amigos informaram-me que os militares queriam prender-me, talvez porque era amigo do Alcino, ou porque tinha chegado a Baucau no próprio dia do ataque da guerrilha e que isso pudesse tornar-me suspeito. Perante o perigo decidi ficar escondido em casa e pedi a alguém para solicitar auxílio à Cruz Vermelha Internacional.

No dia 23 um tenente da policia secreta indonésia chamado Anibulla foi à minha casa simulando ser médico, falou com a minha mãe fazendo-lhe algumas perguntas. Dois dias depois, às 20 h 30, o mesmo tenente Anibulla voltou com um grupo de militares para me prender e levaram-me para o posto Noki Wailili. Enquanto me interrogavam os militares retiravam das celas outros presos timorenses que espancavam a minha frente: vedavam-lhes os olhos, amarravam os pés e as mãos, e depois davam-lhes coronhadas e queimavam-os com cigarros, com o fim de me amedrontar e de me levar a confessar o que eles queriam. Puseram-me depois numa cela durante 5 dias em que só me deram para comer um pouco de arroz seco.

No dia 30 prenderam o meu irmão e levaram-nos para o **Kodim** *(Comando militar do Distrito)*. O primeiro interrogatório no Kodim decorreu perante o **coronel Simanjuntak** do Batalhão 315, e dum **oficial da Inteligence**, e junto dum tanque de piscicultura, no qual estavam dois timorenses que os militares espancavam sempre que eles retiravam a cabeça da água para respirar. Tinham a cara toda ferida e inchada. Os militares perguntaram-nos se os nossos compatriotas eram bonitos, exigindo que respondêssemos que sim. Trouxeram então um espelho para eu e o meu irmão nos vermos no espelho e perguntaram se éramos bonitos.

Deram-nos luvas de boxe com a ordem de nos espancarmos um ao outro. Como evitávamos magoar-nos mutuamente os militares acabaram com este jogo e eles próprios começaram a espancar-nos. Furaram as nossas orelhas com pregos, despiram-nos e obrigaram-nos a mergulhar no tanque de piscicultura. Finalmente os militares indonésios untaram os nossos órgãos genitais com 'mina ánin', uma mistura de óleo de cânfora com especiarias, e levaram-nos para a prisão. No dia seguinte os nossos pénis estavam inchados e dolorosos.

Os interrogatórios continuaram nos dias seguintes. Espancavam-me com extensores metálicos, com martelos nos joelhos e nos dedos; queimavam-me com cigarros, partiram-me dentes. Ainda tenho as marcas destas torturas.

Senhor presidente, minhas Senhoras e meus Senhores,
o meu caso não é excepcional, nem é dos mais graves. Nesses primeiros dias de Outubro de 1992 outros jovens foram mortos em Baucau e arredores, posso citar Domingos e Sebastião Freitas. Dezenas, senão centenas, de pessoas foram presas e maltratadas como eu o fui. Entre elas Hernâni, Atanásio, Fortunato que foi muito gravemente ferido na cabeça, levado num helicóptero e desapareceu. Cândido e Edgar que além dos espancamentos receberam injecções de água (?) recolhida num bidão ferrugento. Filomeno, Guilherme, Abel, Norberto, Alarico, a professora Hermínia, Benvinda, o professor Domingos, Márcia, João de Brito e Estanislau; este último foi empurrado fora dum veículo que andava a 60 quilómetros/hora.

Aprendi aqui que estas actos foram praticados depois da Indonésia ter aceite uma declaração do presidente desta Comissão e se ter comprometido a melhorar a situação em Timor-Leste.

As prisões e os presos são muitos em Timor-Leste. Os que são julgados, e portanto conhecidos, são uma minoria que pode ser considerada privilegiada porque têm menos probabilidade de serem mortos ou desaparecer. A Cruz Vermelha Internacional não tem acesso à maioria das prisões instaladas dentro das instalações militares.

Na verdade todo o território de Timor-Leste foi transformado numa prisão. Em Dezembro passado, o porta-voz do Governo de Jacarta, Sr Irawan Abidin, disse que 7 jovens que tinham pedido asilo político nas embaixadas da Suécia e da Finlândia em Jacarta haviam sido autorizados a sair porque "não se sentiam indonésios". Se fosse este o critério todos os timorenses sairiam de Timor. O Governo só deixou sair estes 7 jovens, 6 meses depois do pedido de asilo, por causa das pressões internacionais, mas uma das condições para a sua saída foi que não viessem aqui para testemunhar perante esta Comissão.

Senhor presidente, minhas Senhoras e meus senhores,
as violações maciças dos Direitos Humanos em Timor-Leste só terão fim quando as forças militares indonésias de ocupação deixarem Timor-Leste aos timorenses.

Senhor presidente, minhas Senhoras e meus senhores,
o respeito pelos Direitos Humanos em Timor-Leste depende da vossa acção perseverante e firme na linha da vossa última resolução. Obrigado.

Nota. Entreguei à Cruz Vermelha Internacional a lista dos meus familiares para que vigia eventuais represálias.